



**CENTRO UNIVERSITÁRIO CHRISTUS  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**VICTÓRIA MARIA MAGALHÃES DE AZEVEDO**

**O PAPEL DO LETRAMENTO NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE**

**FORTALEZA  
2023**

VICTÓRIA MARIA MAGALHÃES DE AZEVEDO

O PAPEL DO LETRAMENTO NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Trabalho de conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Psicologia do Centro Universitário Christus, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Renata Braga de Souza.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Centro Universitário Christus - Unichristus  
Gerada automaticamente pelo Sistema de Elaboração de Ficha Catalográfica do  
Centro Universitário Christus - Unichristus, com dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A994p Azevedo, Victória Maria Magalhães de.  
O papel do letramento na construção da subjetividade / Victória  
Maria Magalhães de Azevedo. - 2023.  
34 f.  
  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro  
Universitário Christus - Unichristus, Curso de Psicologia, Fortaleza,  
2023.  
Orientação: Profa. Dra. Carla Renata Braga de Souza.  
  
1. Letramento. 2. Subjetividade. 3. Funções Psicológicas  
Superiores. I. Título.

CDD 150

VICTÓRIA MARIA MAGALHÃES DE AZEVEDO

O PAPEL DA LETRAMENTO NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Trabalho de conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Psicologia do Centro Universitário Christus, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Renata Braga de Souza.

Aprovada em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Renata Braga de Souza

Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS)

---

Prof. Dr. Antônio Dário Lopes Júnior

Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS)

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Bárbara Castelo Branco Monte

Colégio Art. / Articulação de Apoio à Orfandade a Criança e ao Adolescente (AOCA)

## RESUMO

O seguinte estudo se debruça diante da temática letramento e construção da subjetividade, sobre os quais se propõe a descrever. Para tanto, o artigo desenvolve uma narrativa que se propõe a contextualizar em que “lugar” o Brasil está no tocante ao nível de alfabetização, quais as possíveis implicações disso, abrindo uma discussão de modo a ampliar reflexão acerca da paralela: quais os pontos de distanciamento e de afinidades entre a alfabetização e o letramento. Elas além de se atravessarem, possuem papéis relevantes na construção dos sujeitos e da sociedade, porque são, entre tantas outras coisas, transmissoras de bens culturais. A partir de tais pressupostos há, também, preocupação no que concerne aos sujeitos não-letrados vivendo em uma sociedade letrada. O objetivo geral é analisar qual o papel do letramento na construção da subjetividade; A fim de alcançá-lo, procurou-se caracterizar o processo e as etapas do letramento; analisar as etapas da construção das Funções Psicológicas Superiores (FPS) e enunciar o conceito de subjetividade. Trata-se de um artigo em que fora utilizada a revisão integrativa da literatura como método, cujos produtos apontaram para oito artigos que coadunam entre si. Conforme os resultados, o letramento é compreendido como necessariamente contínuo, por não dizer respeito apenas a uma atividade de decifrar códigos. No letramento, as palavras ganham engajamento de tal atuação nos contextos sociais onde é construído e ganha tónus para mediar a construção das FPS (atenção, percepção, memória, vontade e conceitos). A partir destas construções dialógicas e dialéticas, o sujeito é capaz de “ler” o mundo e perante dele ter criticidade, porque apreende concepções que não são passíveis de construção individual. Outrossim, há um salto qualitativo, estruturação do pensamento e consciência. Entretanto, a ausência da alfabetização não representa uma negativa diante do fato de não ser apresentada como possibilidade que o indivíduo ao viver em uma sociedade letrada apresente grau zero de letramento. Apesar dos aspectos danosos, que existem e não devem ser negligenciados, o teor ativo das configurações subjetivas individuais encontram eco nas multifacetadas vertentes do letramento, vide os repentistas analfabetos.

**Palavras-chaves:** Letramento. Subjetividade. Funções Psicológicas Superiores.

## ABSTRACT

The following study focuses on the theme of literacy and the construction of subjectivity, for which it was created to describe. To this end, the article develops a narrative that contextualizes what Brazil's "level" is in regard to level of literacy, as well as allowing for discussions surrounding the points of distance and affinities between *alfabetização* (literacy related to knowledge of the alphabet and to one's capacity to read and write) and *letramento* (Social functions of reading and understanding). Despite mingling and interlinking with one another, these two topics play very distinct and relevant roles in the creation of individuals and how these individuals relate to society, since they represent, among many other things, our culture. Furthermore, there are also concerns related to non-literate individuals living in a literate society. The main goal is to analyze the role of literacy in the construction of subjectivity; in order to achieve it, we sought to characterize the process and stages of literacy; analyze the construction stages of Higher Psychological Functions (HPFs) and enunciate the concept of subjectivity. Therefore, this is an article that utilizes integrative literature review as a method, whose products point to eight articles that are in line with each other. According to the results, literacy is understood as necessarily continuous, as it is not limited to just the process of deciphering codes. In literacy, words gain new engagement and depth through action in social contexts, where they are constructed and gain emphasis to mediate the construction of HPFs (attention, perception, memory, will and concepts). From these dialogical and dialectical constructions, the subject is able to "read" the world around them and be conscious and critical of it, because it encompasses concepts that are not subject to individual construction. Furthermore, there is a qualitative leap in terms of structuring thought and awareness. However, the absence of literacy does not represent a hurdle before the fact that it is not represented as a possibility that the individual, when living in a literate society, possesses a non-existent degree of literacy. Despite the harmful aspects that exist, and that should not be neglected, the active content of individual subjective configurations is echoed in the multifaceted aspects of literacy, as seen in illiterate poets (known in Brazil as *repentistas*).

**Keywords:** Literacy. Subjectivity. Higher Psychological Functions.

Aos inventores das palavras em meu coração,  
à instituição que me proporcionou tantos bons  
encontros, às minhas professoras, às minhas  
amigas, ao meu pré-noivo e, claro, ao Jorge  
Amado que me desafiou em 2018 a escrever  
uma dedicatória melhor que a dele: A poesia  
deste artigo vem de ti.

### Geometria dos ventos

“[...] Não oferece signos nem linguagem específica, não respeita sequer os limites do idioma. Ela flui, como um rio. Como o sangue nas artérias, tão espontânea que nem se sabe como foi escrita. E, ao mesmo tempo, tão elaborada - feito uma flor na sua perfeição minuciosa, um cristal que se arranca da terra já dentro da geometria impecável da sua lapidação. Onde se conta uma história, onde se vive um delírio; onde a condição humana exacerba, até à fronteira da loucura, junto com Vincent e os seus girassóis de fogo, à sombra de Eva Braun, envolta no mistério ao mesmo tempo, fácil e insolúvel da sua tragédia. Sim, é o encontro com a Poesia.”

(RACHEL DE QUEIROZ, 1992, p. 178)



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 MÉTODOS.....</b>	<b>15</b>
<b>3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>3.1 Tem mais presença em mim o que me falta: Letramento e contribuições de Vigotski para compreensão da sua construção social.....</b>	<b>19</b>
<b>3.2 As palavras me escondem sem cuidado: Vigotski e o salto qualitativo.....</b>	<b>20</b>
<b>3.3 Uma palavra abriu o roupão pra mim. Ela deseja que eu a seja: Subjetividade em González Rey.....</b>	<b>22</b>
<b>3.4 Não gosto de palavra acostuada: Subjetividade enquanto resistência.....</b>	<b>26</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A leitura é apontada como direito fundamental (BRASIL,1988) e possui nela -e na sua aquisição- raiz e fomento para resolução de problemas, aferência, simbolização e representação de mundo; além de oferecer subsídios para que o sujeito seja capaz de se posicionar frente ao mundo. Tendo isso em vista, é significativo que se questione de que forma a leitura e sua práxis repercute na vida dos indivíduos.

Como por definição primeira, a alfabetização é o processo de aquisição dos códigos numéricos e alfabéticos (TFOUNI, 2005). Essa definição foi mudando segundo o desenvolvimento da educação e as formas de educar, além das mudanças históricas que invariavelmente interferem no olhar sobre o ser humano. A partir de Soares (1998), a definição e conceito de alfabetização passou por um processo de evolução ao concomitantemente nascimento do conceito de letramento. Ainda segundo a autora, a definição “letramento”, foi trazida para o Brasil na década de 1980 e se referia a práticas sociais que envolviam a leitura, ou seja, era mais sobre o uso social da linguagem -dita e escrita- e sua utilidade na comunicação do que sobre os códigos voltados à caligrafia sistematizada e pouco acessada que outrora era prerrogativa da alfabetização. Atualmente, os dois conceitos se mesclam tanto em um sentido conceitual quanto em um sentido pedagógico. Sendo a alfabetização um termo que se construiu progressivamente junto ao epíteto de letramento. Para Magda (1998), este é um avanço cauteloso do que significa alfabetização ao conceito de letramento.

Dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) mostraram aumento percentual de 66,3% de crianças de seis e sete anos não alfabetizadas no período de 2019 a 2021. Essa é uma fase do desenvolvimento e do período escolar em que as crianças deveriam, conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), possuir habilidades referentes à leitura e escrita. Além do aumento das crianças não alfabetizadas, a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua (PNAD, 2021) demonstra um aumento de 171% na evasão escolar do segundo trimestre de 2021. Os dados supracitados encontraram um quadro já debilitado no que se refere à educação brasileira, estudos realizados pela PNAD expressos do período de 2007 a 2015, já fomentavam preocupação em relação à taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade, mesmo quando

sabidamente essas sejam problemáticas com desencadeadores associadas aos prejuízos advindos da pandemia de COVID-19 (BARBOSA; ANJOS; AZONI, 2022).

Ainda que cumuladas às estatísticas alvissareiras quando comparadas às pesquisas anteriores, requerem atenção. Inclusive pela necessidade de que se debruce sobre o não-letramento e a implicação disso nos sujeitos não letrados, enquanto constituintes de uma sociedade letrada (TFOUNI, 2006). Um dos instrumentos para avaliar os níveis de alfabetização e letramento no Brasil é a Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), ela é uma das ferramentas do Sistema de Avaliação da Educação Brasileira (SAEB). A SAEB foi criada em 1990 (IBGE, 2022), por sua vez, a ANA teve sua primeira edição em 2013 e a Política Nacional de Alfabetização (PNA), instituída apenas em 2019 pelo Decreto n.º 9.765, que aciona programas e ações direcionadas à alfabetização para crianças, jovens e adultos. A lei baseia seus princípios em componentes *sine qua non*<sup>1</sup> para a alfabetização, sendo eles: consciência fonética, instrução fônica sistemática, fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário, compreensão de textos e produção escrita (MEC, 2019); A data recente da criação desses sistemas, denuncia a natureza incipiente, da preocupação diagnóstica dos pontos alvos de atenção e/ou pontos de potência para que pudesse no que se refere à educação em termos nacionais.

Confluyente com esses dados, o Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF, 2019) estima que 29% da população brasileira seja analfabeta funcional, o que interfere na qualidade de vida prática e relacional (MASSI, 2010) porque o que é dito e escrito é constituinte do processo de significação e ressignificação. Ressalta-se que a taxa de analfabetismo, taxa de indivíduos não-letrados, é apontada como fator responsável pela desigualdade social (BARROS, 2020), não obstante, é apontada como reflexo (AMORIM, 2019) da desigualdade social. Esses aspectos interferem na qualidade de vida prática e relacional (MASSI, 2010) porque o que é dito e escrito é constituinte do processo de significação e ressignificação. Segundo Brito (2010), a leitura efetiva possibilita a formação de cidadãos críticos, logo pessoas capazes de exercer a cidadania. Observando o papel da leitura na apropriação dos bens culturais (VYGOTSKY<sup>2</sup>, 2001); seu papel na formação de valores, personalidade e funções superiores psicológicas (SOUZA, ANDRADA, 2013), é possível aferir lacunas na apropriação e inclusão social dos sujeitos ditos não-letrados.

---

<sup>1</sup> indispensável, essencial.  
"cláusula, elemento, condição, fator sine qua non"

<sup>2</sup> Vygotski, Vigotski - a forma usual neste trabalho será Vigotski. As referências e citações, onde serão grafadas conforme a grafia do texto original.

Percebe-se que a inclusão é feita dentro de parâmetros que definem um processo de inclusão perversa desses sujeitos (SAWAIA, 2012) na comunidade em que estão inseridos.

De acordo com Souza e Andrada (2013) coadunantes com Vygotsky (2001), os indivíduos possuem necessidade de superar seus limites em relação ao que podem ser e o que podem alcançar. A realização individual só seria possível, portanto, por meio de tal superação. Entretanto, pelo valor do cultural na formação humana, esta superação requer condições concretas e materiais; O que Vygotsky chama de "superação" viabiliza a emancipação do pensamento e ação. As funções psicológicas superiores da criança surgem originalmente como comportamentos coletivos que através e depois da cooperação com outros sujeitos, constituirão funções individuais durante a infância.

Segundo Sève (1983), as bases do psiquismo humano são constituídas pelo acervo histórico-cultural, apontando inclusive a apropriação psíquica de um material não-psíquico. O desenvolvimento realizado por um delineamento biológico prévio tem forte dependência do social; isso porque o sujeito precisa implicar-se, envolver-se e ser envolvido permanentemente ao meio como fonte de desenvolvimento. É visto como tal porque dele desdobram-se arcabouços e movimentos que apropriados pelo sujeito, de forma singular, constituirão sua personalidade, sistema psicológico e o que entendemos, adiante, por subjetividade.

Ao delimitar o conceito de subjetividade, encontram-se várias linhas filosóficas que a conceituam. Supõe-se que isso se deve ao teor de complexidade e à impossibilidade de amarrar-se a um único fator que a determine ou caracterize; portanto, é necessário que o pesquisador encontre-se ética e esteticamente com um referencial teórico base escolhido. A presente pesquisa alinhar-se-á com González Rey (2018), psicólogo que realizou seus estudos na antiga União Soviética, educador, que foi radicado no Brasil. Como exposto por Goulart (2019), ele foi influenciado por, entre outros autores, Vigotski, principalmente em sua pesquisa inicial sobre a personalidade. Seu trabalho aprofundou-se em psicologia social e nos conceitos de sujeito, personalidade e subjetividade. Durante a realização do seu desenvolvimento acadêmico, achou par em autores da psicologia social como: Silvia Lane, Martin Baró, M Montero, etc. Seu trabalho reconhece o valor histórico e cultural da subjetividade, entendendo sua produção em níveis individuais e sociais, sem que um exclua o outro. Nessa compreensão, os sentidos são produzidos em níveis individuais e sociais, além de percebidos como dinâmicos e complexos, contemplando, assim, esta teoria a transformação como processo contínuo e longitudinal. Não sendo, entretanto, alheio ou mero resultado dos determinantes sociais e vulnerabilidades (GOULART, 2022).

Segundo González Rey (2013), a subjetividade, forma da personalidade e do sujeito existir no mundo, por estar em contínuo processo de transformação, mudança, organização e reorganização, não sendo cerceadas pela idade que o indivíduo possui (GOULART, 2022). Fernando González Rey (1949-2019) foi um psicólogo e educador cubano que desenvolveu uma teoria sobre a subjetividade dentro de um olhar cultural e histórico. De acordo com Goulart (2019), a definição de subjetividade na perspectiva dessa teoria como é lançada, engloba ideias de que os aspectos sociais e individuais podem ser “[...] integradas como dimensões que compartilham um caráter subjetivo, de maneira contraditória, sem que uma seja reduzida à outra” (GOULART, 2019, p.20). Pelo grau de complexidade, por se propor a amparar todas as dimensões que refletem a construção de uma subjetividade, não há um aforismo específico e delimitado sobre ela. Sua contribuição enfatiza os elos simbólicos e de percepção de tal construção, além do caráter não estático deste e vão sendo apresentados durante o desenvolver do artigo; pois como afirma González Rey (2018, Apud GOULART, 2019), a subjetividade deve ser entendida como ferramenta teórica crítica. A dimensão histórico-cultural do trabalho desenvolvido por González Rey tem influência e diálogos com os estudos de Vygotsky, tanto que os seus preceitos conversam e fazem referência a eles, na compreensão de sujeito, indivíduo e funcionamento.

De acordo com Tosta (2012), Lev Vygotsky (1896-1934) a psiquê humana em funções elementares, que são funções essencialmente biológicas, possuindo relação direta com o ambiente delineado por sua percepção; E funções psicológicas superiores, que são caracterizadas pela presença de signos e símbolos, apreendidos nas relações sociais e nas relações culturais com seus semelhantes. Semelhantes estes, responsáveis por passar tais signos, que já passaram pelo mesmos processos e podem, agora, repassar seus conhecimentos, sendo promotor do desenvolvimento. Tais funções envolvem pensamento, vontades, formação de princípios e valores, emoções e outros. A produção de subjetividade se apresenta, segundo os autores já mencionados, tanto na ausência quanto na presença da alfabetização e letramento. Seus efeitos se entrelaçam às transformações sociais, culturais e psicológicas como processos ativos. De acordo com o autor, os seres humanos são essencialmente sociais, fato denunciado por desenvolverem suas funções superiores quando estão em situações sociais (SOUZA, ANDRADA, 2013). Para Vygotsky (2001), as crianças possuem funções psicológicas chamadas de elementares e somente durante o contato com o aprendizado com seus cuidadores e comunidade ela pode transformar funções elementares em funções superiores. Esse conceito é essencial ao percebermos que o falar é natural e desenvolvido a

partir da observação, já a leitura, por sua vez, é uma habilidade essencialmente ensinada e aprendida. Quando há a ausência dessa apropriação a lacuna não se fecha com outros conceitos, ele fica apenas alheio ao que poderia ser e vive como sujeito não-letrado em uma sociedade letrada, sendo assim carregado por prejuízos e dificuldades de diversas ordens. Como apontado anteriormente, essas são questões que entrelaçam o desenvolvimento humano em diversas etapas e é dialogicamente atravessado por ele, sendo imprescindível que o observe e o estude nestas etapas com igual cuidado; Ainda que possua caracteres diferentes.

Justificando a relevância do artigo, fora construído mediante a necessidade da autora de buscar direcionamentos quanto a dor perante a impossibilidade dos pacientes (adultos e crianças) de nomear sentimentos; fato percebido como acrescido à dor já existente “Tem mais presença em mim o que me falta” Manoel de Barros (1996, p.49). Segundo Cardella (2020), o sofrer é percebido como parte constitutiva da vida e possibilidade de ressignificação no percurso da terapia e no mundo-vivido dos pacientes; não poder ter acesso aos benefícios protetivos da leitura e escrita durante esse processo de viver (logo, sofrer) se é um dos reflexos da desigualdade social (AMORIM, 2019). Há um quê de impossibilidade de desassociação dos elementos, que não são facilmente dissolvidos como uma psicologia utilitarista ousaria fazer. O abrolho processual da inviabilidade de que se estude aspectos tão intrínsecos de forma isolada um do outro, torna imprescindível o olhar poético e holístico sobre, pois a leitura não é e não deveria ser percebida como algo que não permeia a ideia direito fundamental.

Inspirada em Vygotsky e Espinosa (1632-1677), Sawaia (2012) aprecia a emoção e criatividade como dimensões ético-políticas de ações transformadoras. Nesse ínterim, ainda amparada na teoria deles, aponta relação de aspectos da subjetividade e desigualdade social. Primeiro, para que não se esqueça o poder transformador dos sujeitos, segundo para que não se exclua o olhar sensível às outras questões que envolvam o tema. A escolha do letramento perpassa a ideia de arte, forma de simbolização, mas compreende outras formas alternativas à potência do criar. Reserva-se ao estudo da leitura como representante de bens culturais por um caráter de alcance no tocante ao delineamento da pesquisa e apaixonamento da autora, entretanto, ressalta-se seu caráter representativo de um todo muito mais vasto digno de ser apreciado pela Psicologia. Estudar como a leitura atravessa a construção da subjetividade também é uma forma de percebermos a leitura como ferramenta terapêutica profilática e emergencial, egrégia ferramenta em diferentes momentos do desenvolvimento humano. No

entanto, não compreender como essa ferramenta pode ser melhor utilizada pode desperdiçar uma potência de grande impacto.

Norteou-se a presente pesquisa às respostas da pergunta disparadora "Qual o papel da alfabetização-letramento na construção da subjetividade?", com o objetivo geral de analisar o papel do letramento no processo da construção da subjetividade. Para que se pudesse alcançar tal objetivo, foram pensados objetivos específicos tais como: caracterizar o processo e etapas do letramento; analisar as etapas das funções psicológicas superiores a partir de Vygotsky (2009) e enunciar o conceito de subjetividade a partir de González Rey (2013) para que se busque compreender tais aspectos durante a discussão dos resultados.

## **2 MÉTODOS**

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura dos artigos cujas descrições envolveram letramento, subjetividade como compreendida na teoria de González Rey (2003), funções superiores psicológicas. A busca fora realizada nas bases de dados Lilacs, Scielo e PePsic em língua vernácula e língua inglesa com os seguintes descritores: letramento, subjetividade, desenvolvimento social, desenvolvimento cognitivo.

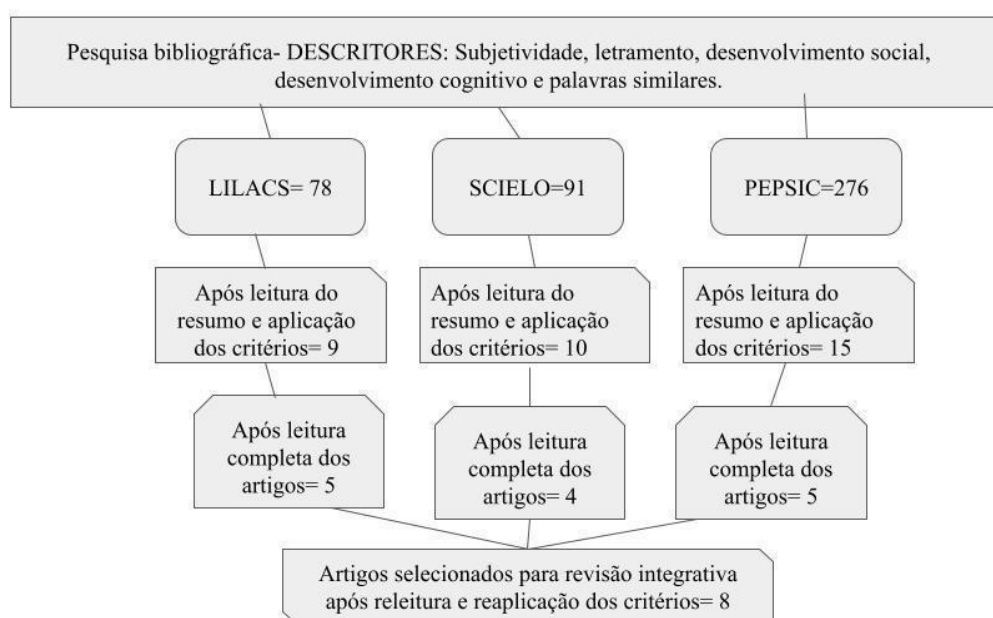
A busca também fora realizada em outras bases de dados, a saber: BVS e periódico capes, mas não foram obtidos resultados. Os critérios de inclusão foram: Recorte temporal de aproximadamente 10 anos (2013-2023), disponíveis de forma completa e gratuita, que tiveram como tema abordado, de fato, os que estejam alinhados com os descritores, ou seja, as possíveis variações utilizadas pelos autores, quando realizam a publicação. Os critérios de exclusão foram: Não estar disponível de forma gratuita e completa, não versar diretamente a respeito do tema, não estar disponível em inglês ou português, não estar no recorte temporal de aproximadamente 10 anos (2013-2023), artigos de revisão narrativa, artigos repetidos e artigos voltados para o desenvolvimento atípico.

A seleção dos artigos aconteceu em duas etapas, sendo a primeira a escolha dos descritores e a segunda a busca nas bases de dados. Acrescenta-se que, durante a pesquisa, os termos também foram colocados de forma livre, a saber: Psiquê humana, construto social, formação de conceito, pensamento, desenvolvimento, desenvolvimento social e desenvolvimento cognitivo. Com finalidade de que se pudesse responder às perguntas de partida e dar corpo ao artigo, os processos envolveram descrever como os autores

caracterizam o processo de letramento; processo da construção da subjetividade; processo de construção das Funções Psicológicas Superiores (FPS) a partir de Vygotsky.

No início, as pesquisas indicaram 439 artigos diante dos descritores supracitados, sendo 78 na base Lilacs, 91 na base Scielo, 276 na base de dados Pepsic. Desses, 30 artigos preencheram os critérios de inclusão. Diante da leitura completa, foram excluídos 16. Sendo assim, foram selecionados 14 para compor o atual estudo, sendo 5 na base Lilacs, 4 na base Scielo e 5 na base de dados Pepsic. Após a releitura e reaplicação dos critérios, restaram 8 artigos.

Figura 3 - Fluxograma demonstrativo das etapas de busca, análise e escolha dos artigos:



SS

Fonte: Desenvolvido pela autora do artigo.

A análise de dados se estruturou a partir de Bardin (2011), portanto, é dividida em três fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material, categorização; 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação. Cabe descrever, também, que os nomes das categorias são trechos do poema “Livro sobre o nada” do escritor Manoel de Barros (1996), quanto à escolha do poema de Manoel, essa se faz dentro dos parâmetros referenciais da escrita enquanto evidência da vida. Sendo este um poeta que defendia o “criançamento” das palavras, favorecendo uma revolução quanto a forma de utilizá-las.



### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da leitura dos artigos encontrados foram formuladas três temáticas, de caráter utilitário, conforme os objetivos específicos de: Caracterizar o processo de letramento, falar sobre as funções psicológicas superiores a partir de Vygotsky (2009) e sobre subjetividade a partir de González Rey (2013). Posteriormente, foram categorizados nos tópicos “3.1 Tem mais presença em mim o que me falta: Letramento e contribuições de Vigotski para compreensão da sua construção social.” Que agrupam artigos que falam sobre letramento e FPS; “3.2 As palavras me escondem sem cuidado: Vigotski e o salto qualitativo.” Que agrupam artigos que falam sobre FPS, Vigotski e salto qualitativo advindo da aquisição-prática da escrita-palavra; “3.3 Uma palavra abriu o roupão pra mim. Ela deseja que eu a seja: Subjetividade em González Rey.” e “3.4 Não gosto de palavra acostuada: Subjetividade enquanto resistência.” Que reúnem os artigos que tratam sobre a temática da subjetividade.

Vale ressaltar que durante a exposição dos achados na pesquisa, foram cumuladas referenciais teóricos explorando mais as temáticas trazidas, a fim de realizar a discussão. Outro motivo para que fossem trazidos outros referenciais, é a diminuta quantidade de artigos encontrados após a aplicação de todos os critérios de seleção e exclusão dos artigos. Por pesquisas outras, referenciais adotados em livros, recomendações dos colaboradores do presente artigo, referenciais adotados dos artigos escolhidos. A dificuldade de encontrar os estudos se apresenta como um dos resultados e resguarda-se a qualidade metodológica de reaplicação dos mesmos resultados em uma possível reaplicação do método.

Sendo assim, foram nomeadas como: “Letramento”; “Subjetividade”; “FPS” dentro do Quadro 1, demonstrada a seguir.

Quadro 1 - Artigos selecionados para a construção da pesquisa

Nº	Autor	Ano	Periódico	Métodos	Centro da discussão	Temática
1.	Matos, C. de A.; Rossato, M. M.	2020	Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRapee).	Estudo qualitativo.	A importância da formação continuada em psicologia para o desenvolver do profissional de psicologia.	Subjetividade.
2.	Barros Filho, D; Bastos, A. C de	2015	Revista educação e	Estudo qualitativo.	Existe uma forma de construir conceitos	FPS.

	S. B.		pesquisa-USP.		acerca do mundo, o artigo discute a forma de se construir tais conceitos e sua qualidade.	
3.	Pan, M., A. G. de S.; Litenski, A. C. de L.	2018	Revista escolar e educacional.	Estudo qualitativo.	Letramento acadêmico e como é desenvolvida a subjetividade profissional na universidade.	Letramento.
4.	Romero, S. S.; Scortegagna, H. de M.; Doring, M.	2019	Texto Contexto Enfermagem.	Estudo misto.	Letramento em saúde na população idosa. Leitura ensinada como técnica exclui/ausenta o sujeito da práxis.	Letramento.
5.	Oliveira, A. M. do C. de.	2019	Revista de didática e psicologia pedagógica.	Estudo de caso.	Os processos simbólicos e emocionais desenvolvidos durante a vida de um sujeito, não são aspectos que estão somente cognitivos ou intelectuais.	Subjetividade.
6.	Rossato, M.; Martínez, A. M.	2019	Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional.	Estudo de caso múltiplo.	Os sentidos subjetivos são abordados e explanados no artigo, tendo caráter organizador e gerador dos desdobramentos sócio-emocionais em um processo de superação de dificuldades.	Subjetividade.
7.	Rodvalho, J. X.; Peres, V. L. de A.	2022	Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação.	Estudo qualitativo.	O artigo evidencia o poder dos indivíduos se posicionarem diante de situações adversas como a COVID-19. A	Subjetividade.
8.	Teles, A. M. O.; Cerqueira, T. C. S.	2013	Directory of Open Access Journals Educação & Realidade.	Estudo qualitativo.	Traz a discussão sobre a necessidade de se considerar o sujeito dentro do processo de aprender, além de falar sobre as práticas sociais.	Letramento/Subjetividade.

Fonte: Dados da pesquisa.

### **3.1 Tem mais presença em mim o que me falta: Letramento e contribuições de Vigotski para compreensão da sua construção social.**

O letramento é compreendido como necessariamente contínuo, tendo em vista a sua relação com a prática e com o contexto histórico que está sempre em processo de mutação. Ele não diz respeito (apenas) a uma atividade de decifrar códigos, mas também ao engajamento de tal atuação nos contextos sociais. Essas práticas vão sendo desenvolvidas historicamente -no decorrer da vida das pessoas- e não é restrita à faixa etária de consolidação da leitura e escrita, mas perdura por toda a vida desde que se esteja em comunidade. A linguagem como recurso simbólico proporciona assimilação contínua, construção e reconstrução dessas significações, incluindo o envelhecimento, fase que é atrelada verazmente a denúncias sociais de desigualdades, a saber: condições diferentes de envelhecimento para diferentes grupos sociais. (MORAES et al, 2017 Apud ROMERO; SCORTEGAGNA; DORING, 2019).

Leda Tfouni (2006) expõe sobre as muitas especulações em relação à importância da aquisição desses códigos para o desenvolvimento cognitivo por várias esferas de profissionais, que possuem a tese de que quem passa pelo processo de aquisição do sistema escrito, passa por muitas alterações psicológicas e culturais. Tais impactos são tão relevantes dentro da história que (GOODY; WATT, 1968 Apud TFOUNI, 2006) considera dimensionar sua relevância uma atividade impraticável, já que o conceito de escrita é usado como critério de de classificação transcultural; tendo eles, os povos não letrados, o epíteto de “pré-lógicos”. Finnegan (1973 Apud TFOUNI, 2006), evidencia a relação da escrita e do domínio dela como fator crucial para a qualidade do pensamento.

Vigotski (1998) suscita o mesmo pensamento em aforismo semelhante, reforçando o impacto da linguagem como base do pensamento. Segundo ele, para compreender o pensamento e as suas funções -em caráter de compreensão- o conceito, completo ato do pensamento, tem origem no social, sua construção inclui o estar se relacionando com outras pessoas. A palavra é tida como signo, que é estruturado socialmente, mediadora das Funções Psicológicas Superiores. A formação dos conceitos passa por vários processos que vão, de forma progressiva, construindo e desconstruindo hipóteses. Tal construção não é feita de forma passiva -como realizado por animais- e o construto pode ser feito concomitante ao desenvolvimento das palavras na vida do sujeito, que quando apresentado somente ao produto final, o que seria o resultado de uma reflexão completa, dão-se diante de um desenvolvimento

potencial que não é alcançado, configurando um possível processo de alienação, como aponta Dias, Maria Sara de Lima, et al (2014). Por outro lado, ao aprender uma palavra (conjunto de signos), o sujeito passa por um processo que gera para ela -a palavra- contornos afetivos, sendo dominados por interpretações concretas diante das vivências práticas; as palavras podem, portanto, representar objetos mais abstratos, inclusive agrupados e servem de instrumento de análise do mundo, como aponta Luria (1987 Apud DIAS et al 2014). Ainda segundo os autores, tal apropriação fala sobre muito conhecimento acumulado, pensados e refinados muito antes mesmo que seus oleiros tomassem consciência de que em um determinado momento ele seria repassado.

Em termos práticos, segundo Tfouni (2006), o processo demonstrado em uma pessoa não-alfabetizada é um processo que atende ao vivido *cotidiano* e possui regras que obedecem ao discurso nele feito. Em sua pesquisa, a autora aponta o não seguimento, por parte dos participantes não-letrados de sua pesquisa, de uma proposta coerente com os processos de silogismos, ao contrário, eles interpretam como um lugar de possível negociação dos conteúdos (proposta da dialogia). O antagonismo é solucionado através da capacidade do sujeito de “[...] levar a efeito descentralizações cognitivas que lhe permitem analisar, numa situação conflituosa, quais os elementos destoantes, e reparar essa situação, utilizando, para tanto, de seu conhecimento pragmático” (TFOUNI, 2006, p. 127).

Processo consoante com o apresentado no artigo 4, quando os escritores explanam que a leitura ensinada enquanto técnica tende a excluir os sujeitos das práticas que onde elas ocorrem. O letramento, portanto, parte dessa premissa: A relação com as práticas sociais. Quando ausentes, retira-se do sujeito tais possibilidades; embora o letramento não aconteça somente por via da escrita e seja passível de apreensão por outros meios, como descrito posteriormente, as formações de conceitos como tido por Vigotski (2009 Apud FILHO; BASTOS, 2015) transcorre limitada ao que o sujeito teve acesso durante a vida, depende das faculdades perceptíveis.

### **3.2 As palavras me escondem sem cuidado: Vigotski e o salto qualitativo.**

Barros Filho e Bastos (2015), artigo 2, apontam que segundo Vigotski e Luria (1990) há interação entre as mudanças culturais e a psiquê das pessoas nelas inseridas. Salienta também, ainda embasados pelos mesmos autores, que pessoas alfabetizadas se

apresentavam de forma “[...] mais apta a pensar de forma abstrata e de maneira autorreflexiva, quando comparados aos participantes não alfabetizados” Barros Filho e Bastos (2015, p. 649). O ensino formal da escrita e leitura possuem influência em diversas habilidades, a saber: raciocínio lógico, resolução de problemas, autorreflexão e consciência metalinguística. Entretanto, segundo Cole e Scribner (1970, Apud BARROS FILHO; BASTOS, 2015) tais habilidades não são diretas do aprender a ler e escrever, mas do processo que acarreta tal aprendizado e pensam na estrutura específica em que a alfabetização, como situação em que raciocínio lógico, resolução de problemas, autorreflexão e consciência metalinguística são fomentadas.

*Há, então, uma abordagem contextual enquanto práticas culturais*, Terzi (2003) direciona para a indagação da exclusividade do ambiente escolar como via de acesso aos sistemas letrados. Ao questionarem a exclusividade do sistema formal como lugar em que circula a formação dos conceitos científicos, chamam atenção para o papel social da escrita e da leitura; o significado da *palavra* em uma construção científica, a formação das palavras não precisam de arcabouços perceptivos -como ter vivido a experiência ou impressão do que tal elemento é- além de ser hierarquizada e abstrata.

Em uma construção cotidiana, as palavras são limitadas por seus contextos e também pela forma como foram percebidos os objetos (TOOMELA, 2003 Apud BARROS FILHO; BASTOS, 2015). Ao estarem em uma sociedade letrada, os sujeitos não-letrados vivem em contextos que as informações escritas são fundamentais para sobreviver. Em síntese, na maioria dos participantes da pesquisa -aplicada durante a formulação do artigo 2-, a maioria das palavras tinham estruturas de significado majoritariamente cotidiana; ou seja, palavras que usavam impressões imediatas do dia a dia.

As formações, então, foram construídas com suas experiências - o que produziu variedade de respostas. Evidencia-se a importância do estar em um ambiente escolar, mesmo que por poucos anos, pois a organização da escola possibilita um “[...] salto qualitativo no pensamento verbal que nos leva a ter consciência do pensamento, e das regras de funcionamento do pensamento - estrutura do silogismo, metacognição” (LURIA, 1990; VIGOTSKI, 2009; TOOMELA, 2003 Apud BARROS FILHO; BASTOS, 2015, p. 660).

Entretanto, é imperativo que não se caia na cilada de considerar o inverso uma verdade. O pensamento costumeiro após ler as linhas acima seria o de considerar, portanto, que aqueles que não adquirem a escrita, não são capazes de obter tal salto qualitativo, estruturação do pensamento e da consciência e afins.

Tfouni (2006) abre a discussão sobre a problemática que acarretaria adotar tal posicionamento ao desvelar que os não-alfabetizados “[...] têm uma capacidade para descentrar seu raciocínio e resolver conflitos e contradições que se estabelecem no plano da dialogia, na enunciação”. Logo reverbera-se a necessidade que se posicionem os pesquisadores, professores, profissionais da saúde mental e todos os interessados na área de tal forma a não desconsiderar o patrimônio intelectual adquirido e as suas várias formas de demonstrar-se.

Talvez esse seja o ponto alto de todo o artigo, a maior contribuição, tal expressa: O lugar de cuidado não pode se confundir com um lugar de subjugamento ou um lugar de hipotético saber -hierarquizando os conhecimentos como se fossem esses maiores ou menores- tampouco romantizar a condição, compreendendo, sim, o lado danoso. Há, entretanto “[...] planos de referência limitados por esses sujeitos, e que eles, em função do assujeitamento ideológico, buscam em um ou outro lugar as evidências necessárias para resolver um problema proposto.” Tfouni (2006, p.26) porque não é o resultado final de um processo de letramento que confere ao indivíduo tal salto qualitativo, mas as zonas de desenvolvimento proximal (VYGOTSKY, 1978) que ele é exposto que lhe dão tónus de sujeito dentro da sua comunidade. Em outras palavras, não é a chegada, mas o caminho, que oferece tais recursos para alcançar tais potencialidades qualitativas que interferem nas resoluções de conflitos, raciocínio, silogismos, entre outros e sua percepção sobre a sociedade em que existe e quem ele é neste lugar.

### **3.3 Uma palavra abriu o roupão pra mim. Ela deseja que eu a seja: Subjetividade em González Rey.**

A fim de que se compreenda melhor o que será exposto adiante, percebeu-se como necessário que fossem dadas definições através de reunião de alguns recortes de trechos que evidenciam termos que serão utilizados nesta seção. Cabe ainda destacar que segundo o próprio autor, González Rey (2018), a subjetividade não se apresenta como um conceito isolado, mas como um “[...] Sistema teórico orientado ao estudo de um fenômeno humano específico, cuja complexidade, incerteza, singularidade, bem como caráter dinâmico e contraditório [...]” (GONZÁLEZ REY, 2018 apud GOULART, 2019, p. 47).

Quadro 2 - Fichamento das definições de termos utilizados no decorrer dos tópicos 3.3 e 3.4

Subjetividade	“A subjetividade é a qualidade dos fenômenos humanos que permite que instâncias individuais e sociais geram sentidos e configurações subjetivas específicas dentro dessas atividades comunicativas humanas.”	González Rey, 2018, p.3 Apud Goulart, p. 55.
Subjetividade individual	“Refere-se a processos e às formas de organização subjetiva do indivíduo, que incorporam, contradizem ou confrontam permanentemente os espaços sociais de subjetivação”	Goulart, 2019, p. 52.
Subjetividade social	“Articula conceitos subjetivos os quais, sendo produzidos em diferentes esferas da vida social, estão presentes de diferentes formas em qualquer grupo ou organização social no momento preciso do seu funcionamento.” “Rede que integra espaços sociais, que se configuram na dimensão subjetiva dos indivíduos.”	Goulart, 2019, p. 52
Sentido subjetivo	“Estão associados a qualquer experiência significativa para o indivíduo ou grupo social. O processo de sua produção se dá por meio de processos singulares e inconscientes, centralizando o caráter gerador de indivíduos e grupos”	Goulart, 2019, p.74.

Fonte: Dados da pesquisa.

Matos e Rossato (2020), artigo 1, evidenciam de acordo com González Rey (2005) a relação entre a construção da subjetividade e as relações sociais. A subjetividade

apresenta um caráter integrativo, dinâmico, recursivo e sem determinismos entre o social e individual sendo se influenciando reciprocamente sem que se percam na sua dinâmica estabelecida. Além disso, o autor também apresenta este como um resultado de uma busca de uma visão que leva em conta a visão cultural, dialógica e dialética da formação da psique humana. Apresenta-se como uma teoria que se interessa pela heurística e do desvelar de tal produção; pessoal e sistêmica, realizada dentro das experiências, dos sentidos subjetivos. Os sentidos subjetivos são capazes de criar novos sentidos subjetivos, estando assim sempre atuais e coerentes com a realidade, contemplando a processualidade da vida. O que é elaborado pelos autores se faz coerente com os resultados da pesquisa, quando os fatos observados no cotidiano profissional da entrevistada, também podiam ser observados em outras esferas, entre outras evidências.

No âmbito profissional e acadêmico, o letramento, a prática social das palavras também evidencia sua necessidade de atenção. Segundo Pan e Litenski (2018) a apropriação desse legado vai para além da compreensão da linguagem enquanto meio transparente de comunicação, ela se configura, na verdade, com a necessidade intrínseca de reflexão em suas diversas dimensões: históricas, sociais, subjetivas e na forma como reflete na formação acadêmica e dos profissionais. O estudo (artigo 3) sobre a especificidade da linguagem no âmbito acadêmico, alerta que cada grupo social faz uso da linguagem de acordo com seus contextos de utilização, organiza seus valores e seus conhecimentos. Este é, inclusive, um exemplo da produção subjetiva social, ancorada nos estudos de Goulart (2016) as práticas sociais deste nível, assim como o modelo biomédico, é basilar em práticas e conceitos técnicos de cada profissão. Tendo isso em mente, ressaltam o que Marinho (2010) sustenta sobre como “[...] as práticas de leitura e de escrita na universidade possuem características específicas desse contexto de utilização, o qual afeta os processos de identificação desse grupo [...]” Pan e Litenski (2018, p. 528). De acordo com esse estudo, os profissionais constroem sua identidade profissional ao se apropriar dessas formas de comunicação. E como são *práticas sociais*, também variam de acordo com sua utilização e lugar -como descrevem as análises sócio-históricas-. De tal modo a serem passíveis de mutações diante das práticas discursivas e diante da comunidade.

Para que um sujeito faça, genuinamente, parte de um grupo, inclusive grupos acadêmicos que fazem uso estrito de uma linguagem formal para demandar solicitações e passar conteúdos (artigos, compêndios<sup>3</sup>, etc.) na comunidade científica (CHAUÍ, 2003;

---

<sup>3</sup> Coleção concisa e compacta de informação relativa a uma dada área do saber em forma de livro.



BORGES, 2013 Apud PAN; LITENSKI, 2018). Ou seja, pouco importa a capacidade de decodificar as palavras se não houver um processo de construir pertencimento, práticas sociais e culturais, envolvidas em contextos. Quando não existem tais requisitos, não existe inserção na comunidade e não é como se houvesse um convite. A esse respeito, a leitura ganha status de atividade sem consciência, sem que haja noção da práxis que a envolve, além de se tornar uma ferramenta de alienação (SMOLKA, 2013 Apud PAN; LITENSKI, 2018).

As dificuldades apresentadas em termos de adequação ao letramento e seus bens culturais, podem atravessar linhas estabelecidas como comuns, interpolando outras dificuldades. Como já pincelado em outras linhas, o sujeito não se constrói alheio às suas dificuldades; em termos de construção e resistência, se apresenta como agente de mudança. Para González Rey (2017), possui poder de romper assim com processos outrora reificados Goulart (2019). É abordado por Rossato e Martínez (2013), os sentidos subjetivos e seu cunho organizador e gerador dos desdobramentos sócio-emocionais em um processo de superação de dificuldades. Indicado no artigo 6, a subjetividade não se apresenta como um fruto do que foi vivido, ao contrário, possui relação com a cultura enquanto expressão das condições de existência em seu momento histórico, invariavelmente afetados concomitantemente. Sendo assim, as dificuldades de aprender, são percebidas “[...] ausência de condições que favoreçam a produção de sentidos subjetivos capazes de promover aprendizagem” (ROSSATO; MARTINEZ, 2013, p. 296), tal percepção extrapola as compreensões cognitivas e comportamentais. Em consonância, Lopes Júnior; Moraes e Gonçalves (2020) baseiam-se em (VIGOTSKI, 2009; FACCI, 2004; DUARTE, 2016) para afirmar que um dos papéis da educação é este, o de pôr a criança face aos bens culturais, à riqueza que foram socialmente acumuladas para que seja garantida a incorporação e desenvolvimento psíquico.

Pode-se observar o que fora exposto enquanto resultado de pesquisas qualitativas também em outro estudo (artigo 7), quando Rodovalho e Peres (2022) apontam para as adaptações, aceitação e compreensão dentro de uma percepção da necessidade de cautela e isolamento social com “[...] os sentidos subjetivos gerados pelos participantes permaneceram envolvidos em afirmar que o ensino semipresencial, de modo geral, é responsável pela manutenção do desenvolvimento nos processos de ensino e na aprendizagem de forma efetiva” Rodovalho e Peres (2022, p. 33). Há de se compreender que a vida social é dinâmica, posto que é dependente dos sistemas que os integrantes de tal sociedade se empenham, além de serem partes não separáveis do que se configura subjetivo e socialmente em padrões diferentes. Se as configurações, portanto, pedem outros tipos de funcionamento. A

complexidade dos processos sociais é apresentada a partir do que é percebido no simbólico, em “[...] uma rede que articula história e contexto, compondo complexamente a dinâmica cultural” Goulart (2019, p.54). Tanto é que, apesar de não ser mais necessário como outrora fora, os recursos semipresenciais e de Ensino à Distância (EAD) continuam sendo utilizados.

### **3.4 Não gosto de palavra acostuada: Subjetividade enquanto resistência.**

A subjetividade como é apresentada por González Rey (2017) possui um determinado confronto com o *status quo*, pois é percebida como particular da subjetividade as mudanças e o desenvolvimento e “[...] assim como a cultura, não está ancorada em verdades a-históricas” (GONZÁLEZ REY, 2017 Apud GOULART, 2019, p. 50). Ainda conforme o autor cubano, a cultura fala sobre as condições de existência que o sujeito enquanto parte de uma comunidade encontra no período histórico em que se encontra, ou seja, são correlatos um do outro. Levando isto em consideração, pode-se aferir que não-letramento se apresenta como um sintoma, tendo em vista que são efeitos de uma produção com o que possui em sua realidade, a partir da realidade e que invariavelmente possui influência nela. Há poder de interferir.

A subjetividade também é apresentada como ferramenta de resistência, conforme apresentado no artigo 8, que referencia Edgar Morin (2000) ao dizer que a educação, nesse sentido, deve funcionar como um ambiente em que curiosidade e capacidade de criticidade sejam estimuladas. Teles e Cerqueira (2013) apontam para a potência dos sentidos subjetivos, onde apoiam-se o sentimento de identidade e subjetividade individual para lidar com os sistemas em que existe, podendo mobilizar-se e atuar em processos de mudança. A criticidade proposta como essencial anteriormente, é parte fundamental desse processo.

A apropriação de tal criticidade e curiosidade possui como um dos meios a apropriação da linguagem, como apontam os teóricos baseados em Vigotski (2009). Segundo Lopes Júnior; Moraes e Gonçalves (2020), ancorados em Lukács (2013), a linguagem é construída de forma contínua; inclusive porque o trabalho deságua em complexificações e precisa ser transmitido. Agora evidenciando Luria (1991), postam que a palavra, entretanto, ganhou novos contornos ao não ser mais percebida como atrelada às práticas sociais. Ela, depois de cepilhada, dependia tão somente do seu vasto sistema de signos para que pudesse expressar e ser compreendida. O processo de abstração desencadeado por meio da linguagem

oferece possibilidades de abstração e generalização, o que fomenta o poder crítico à realidade e ao pensamento, avigorando a qualidade de resistência dos aspectos da subjetividade. Lopes Júnior; Moraes e Gonçalves (2020) resgatam e grifam trechos dos textos de Luria (1991) que reforçam a importância e papel da linguagem, tal trecho evidencia que o que um sujeito é capaz de alcançar em termos de conhecimentos e habilidades não poderiam ter sido alcançados por uma pessoa isolada.

Na conclusão dos testes feitos em sua pesquisa, Tfouni (2006) faz uma série de reflexões e propostas.

Minha proposta é a seguinte: existem caminhos alternativos, não necessariamente iguais, nem compensatórios, os quais levam a um domínio do discurso no nível “meta”, pessoas que não percorrem os caminhos tradicionais que levam a esse domínio (por exemplo: alfabetização e educação formal). Como consequência, a natureza dos metaprocedimentos utilizados por essas pessoas é diferente, estando mais ligados ao conhecimento pragmático e às regras que fundamentam os usos cotidianos do discurso, em situações comuns de comunicação. (TFOUNI, 2006, p.123)

Mais na frente, a autora explica que o termo “metaconhecimento” utilizado na citação acima, o nível de domínio “meta”, é considerado como muito próximo ao desenvolvimento de raciocínio lógico e a apreensão de percepções abstratas do mundo. Tendo relação com a construção dos processos de silogismos, mas também e quase principalmente (para nosso estudo), para o processo de dialogia. Como analisado no item 3.1 do presente artigo. A fim de que possa se apresentar como sujeito de sua história, é necessário que o indivíduo se interponha entre processos ativos; participe, tome frente das decisões do que lhe ocorre, goste ou não goste do que lhe acontece, tenha aferências sobre. Como aponta Goulart “[...] Representam momentos ativos em face do estabelecido e apresentam desdobramentos imprevisíveis nos processos sociais [...]” (2019, p.95). Para tanto, ele precisa analisar criticamente o que acontece ao seu redor, os “desdobramentos” e atuar com críticas que requerem “descentrações cognitivas que lhe permitam analisar, numa situação conflituosa, quais os elementos destoantes, e reparar essa situação, utilizando-se, para tanto, de seu conhecimento pragmático” (TFOUNI, 2006, p. 127)

As linhas que tecem tais comentários, costuram posicionamentos que questionam: “Será exclusividade de quem domina a escrita, o metaconhecimento?”, e coadunante com o supracitado confronto com o *status quo*, além de um remetente ao subtítulo, a resposta é negativa: não, os níveis meta não são exclusividade de quem domina a leitura. Não obstante, é importante alertar de forma repetida, que tal nível como exposto pela autora, é um nível que

se afirma sobre um tipo de metaconhecimento. Esse termo aparece em alguns dos artigos e que é, a grosso modo, o que permite a contemplação das etapas do pensamento. Disse-se “a grosso modo”, pois não é diante de tal teoria que nos aprofundamos, posto que ela tem relação com a teoria Piagetiana, ainda que os autores tragam confluências entre as teorias de Piaget (1972) e Luria (1977), por certo a confluência encontra-se no teor construtivista e na proposta contínua do aprendizado. Além disso, a partir de uma perspectiva histórico-cultural, a fragmentação dos processos humanos é demasiadamente criticada. Como é possível perceber, o tema da subjetividade e do letramento são alcançados por diversas e diferentes linhas teóricas, além de estarem implícitos em diversos momentos dos escritos filosóficos, como afirma Goulart (2019). Mas ainda segundo o autor, nenhuma dessas correntes filosóficas podem ser utilizadas ou consideradas de forma isolada como uma “[...] base específica do desenvolvimento da subjetividade em uma perspectiva cultural-histórica, pois, como existem convergências, também há divergências importantes em relação à proposta do autor.” (GOULART, 2019, p. 47).

Sobre tais divergências, compreendamos como postulado no início do artigo, sobre as inspirações de Sawaia (2012) em Espinosa (1983) quanto a percepção do filósofo perante a forma que os indivíduos são de forma alguma divididos entre (corpo) e (mente), ao não aderir tal *zeitgeist*<sup>4</sup> da época (IMIANOWSKY; VITÓRIA, 2020), não sendo possível que se fragmentem teorias para que se explique de forma apartada.

Nada acontece na natureza que possa ser atribuído a um vício desta; a Natureza, com efeito, é sempre a mesma; a sua virtude e a sua potência de agir são unas e por toda parte as mesmas... a via reta para conhecer a natureza de todas as coisas, quaisquer que elas sejam. Portanto, as afecções, consideradas em si mesmas, resultam da necessidade e da mesma força da Natureza que as outras coisas singulares..., têm propriedades determinadas tão dignas do nosso conhecimento como as propriedades de todas as outras coisas... (ESPINOSA, 1983, *Ética III*, p. 175 apud (IMIANOWSKY; VITÓRIA, 2020, p. 5).

Ainda segundo os autores, concebendo um indivíduo por inteiro, histórico, não-passivo, não-isolado, sem dualismos, sem rupturas; assim podendo compreendê-lo para chegar o mais próximo possível de uma “verdade”.

---

<sup>4</sup> Conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, numa certa época, ou as características genéricas de um determinado período de tempo

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização desta pesquisa é possível concluir que, conforme os autores contemplados, a subjetividade se configura como o que possibilita que os fenômenos humanos de ordem social e individual construam sentidos e configurações subjetivas. Esta última diz respeito à interioridade dos sujeitos, aos processos internos, tendo ainda todo esse processo não absorto ao meio cultural, sendo ela que expressa as condições de vida que os sujeitos vivem em determinado tempo histórico. Portanto, subjetividade, fenômenos humanos (sociais e individuais), indivíduos e cultura não podem ser percebidos como alheio aos delineamentos temporais-históricos-espaciais, de forma que atrelados mutuamente não possam ser separados, pois o acontecer humano reside nas entrelinhas.

O letramento e todo o seu processo, participa como um sintoma de como a sociedade está a se organizar; como ela entende o indivíduo ou o lugar que a educação ocupa em termos de investimento (investimentos em todos os sentidos e ordens, a saber: estruturais, financeiros e atenção de quem se apresenta como líder, seja simbólico ou não). Ele é correlato aos acontecimentos, como elemento cultural que é, se evidencia como parte das produções dos conhecimentos construídos em determinado momento. Tais produções podem e são frequentemente usadas como ferramenta de transmissão de conhecimentos, técnicos ou não, e mudança de modo dialógico, mudando e sendo transformadas pela mudança que causam.

A respeito do letramento, fora estipulado como objetivo debruçar-se sobre como acontecem as fases; objetivo este não alcançado, conforme era esperado em termos de limitações, uma vez que foram observadas particularidades que, até então, não eram conhecidas. Não ter sido possível falar sobre como ocorre, é devido ao fato dele não ser um processo linear ou estático. Após compreender suas vicissitudes, é preciso observar que se fosse apresentado nos achados, deliberadamente, como “passo a passo”, lhe seria outorgado de forma leviana um valor “pragmático”. Mas se considerarmos todo o exposto sobre sua necessária ancoragem nos meios culturais, é possível compreender que o letramento muda em diferentes lugares, além de se configurar enquanto processual, que apesar de ser evidenciado e privilegiado na infância, são tão duradouros quanto a vida.

A subjetividade como fora apresentada nos artigos investigados é correligionária aos princípios do letramento. Há aqui um emaranhado de conceitos que solicitam uma percepção holística, assim como elementos que não necessariamente precisam ser divididos para compreensão. A título de evidência do que se pode perceber sobre a

subjetividade, dentro dos estudos realizados, evidencia-se sua possibilidade de fazer mudanças em seus ambientes. E aqui arremata-se a interpolação dos termos "subjetividade" e "letramento" que quase se confundem no parágrafo e suscitam uma leitura quase confusa. A subjetividade social se apresenta como denúncia do tempo histórico, a subjetividade individual como potência de mudança e movimento e o "letramento" como ferramenta de tais alçadas. Tamanho valor há nas configurações subjetivas e nas FPS, que a ausência do letramento não se apresenta como impeditivo das mudanças culturais ou expressão artísticas. Remetem-se, então, missivas do quanto as facetas do letramento são férteis, potentes e transformadoras. Espera-se que a esse ponto, o leitor compreenda que letramento não é a decodificação e codificação do que está escrito de forma mecânica; vide os poetas analfabetos, que constroem repentes sobre o seu vivido e dele retiram inspiração. Apesar da resiliência, os sujeitos não-letrados precisam entrar em contato com situações para que só então consigam apreender delas suas habilidades. Porque possui tais relevantes instrumentos para a sociedade, é importante que nenhum interessado no bem coletivo apoie ou romantize a situação que o analfabetismo denuncia.

Quanto às contribuições do presente trabalho, listam-se: A concatenação dos conceitos sempre tão utilizados no meio da saúde mental sem que se possua uma delimitação exata do seu significado; O citar e situar a psicologia em uma seara educacional e ampla da leitura e dar efervescência em um assunto que merece estudos longitudinais, inclusive com os novos elementos que surgem hodiernamente. Sobre as limitações, as rotineiras e esperadas em um trabalho de conclusão de curso. Apesar do empenho da autora, alguns trabalhos são demasiadamente densos e complexos para o tempo delimitado. Além disso, há uma desorganização quanto aos termos e descritores que possivelmente influenciam nos resultados dos artigos achados e nas análises. É possível que a escritora do artigo não tenha abarcado todos os trabalhos disponíveis pela falta de convenção das palavras-chave, embora procurado em outros termos sinônimos.

Por último, ressalta-se que a quebra de expectativas e a não correspondência da hipótese com os materiais encontrados foram recebidas com certa alegria. Outrora supunha-se que a relevância da escrita e leitura influenciasse impetuosamente, sem acordos ou formas de compensação, nas faculdades qualitativas, hipótese refutada pelos resultados das pesquisas e aplicação dos testes; embora não seja possível fantasiar que viver em uma sociedade letrada enquanto um indivíduo não-letrado obtenha outro significado, percebê-lo como desarmado

não se configura como eficaz, pois este encontra possibilidades em outros meios e é potente, não encerrado; assim como o presente estudo que em diversas arestas suscita aprofundamento.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, A. N. Desigualdade social, alfabetização, letramento e a importância da avaliação nacional de alfabetização. **Escribo - Inovação para o Aprendizado**, Recife, 18 de abr. de 2019. Disponível em: [escribo.com/2019/04/18/alfabetizacao-letramento-desigualdade-social](https://www.escribo.com/2019/04/18/alfabetizacao-letramento-desigualdade-social). Acesso em: 18 out. de 2022.
- BARBOSA, A. L. A; ANJOS, A. B. L. DOS ; AZONI, C. A. S. Impactos na aprendizagem de estudantes da educação básica durante o isolamento físico social pela pandemia do COVID-19. **CoDAS**, v. 34, n. 4, p. e20200373, São Paulo, 2022. Disponível em: [www.scielo.br/j/codas/a/dx3cPQjhMH4kWm4yB3yrtgp/abstract/?lang=pt](http://www.scielo.br/j/codas/a/dx3cPQjhMH4kWm4yB3yrtgp/abstract/?lang=pt). Acesso em: 20 de out. de 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20212020373>.
- BARROS FILHO, D; BASTOS, A. C. S. B. A formação de conceitos em adultos não escolarizados. **Educação e Pesquisa**, v. 41, n. 3, p. 647–662, São Paulo, 2015. Disponível em: [www.scielo.br/j/ep/a/3FmVHf8zy8Dsyn8G5mLRzzN/?format=pdf&lang=pt](http://www.scielo.br/j/ep/a/3FmVHf8zy8Dsyn8G5mLRzzN/?format=pdf&lang=pt). Acesso em: 03 de mar. de 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201507130507>.
- BARROS, M. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2016. Disponível em: [www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf). Acesso em: 25 de set. de 2022.
- BRITO, D. S. A importância da leitura na formação social do indivíduo. **Periódico de Divulgação Científica da FALS**, Praia Grande, 2010. Disponível em: [www.fals.com.br/revela/revela027/edicoesanteriores/ed8/Artigo4\\_ed08.pdf](http://www.fals.com.br/revela/revela027/edicoesanteriores/ed8/Artigo4_ed08.pdf). Acesso em: 19 de out. de 2022
- COELHO, S; CASTRO, M. O processo de letramento na educação infantil. **Pedagogia em ação**, v. 2, n. 2, p. 79-85, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: [periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/4848/5027](http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/4848/5027). Acesso em: 10 de mar. de 2023.
- DIAS, M. S. L. et al. A formação dos conceitos em Vigotski: replicando um experimento. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 18, n. 3, p. 493–500, São Paulo, 2014. Disponível em: [www.scielo.br/j/pee/a/pXQrsjJKm4TH3hBH9MBVtQP/abstract/?lang=pt](http://www.scielo.br/j/pee/a/pXQrsjJKm4TH3hBH9MBVtQP/abstract/?lang=pt). Acesso em: 01 de abr. de 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2014/0183773>.
- DICKEL, A. A avaliação nacional da alfabetização no contexto do sistema de avaliação da educação básica e do pacto nacional pela alfabetização na idade certa: responsabilização e controle. **Cadernos Cedes**, v. 36, p. 193-206, Campinas, 2016. Disponível em: [www.scielo.br/j/ccedes/a/JvYKWrXJ7hqQxn8mtdM4djK/?lang=pt](http://www.scielo.br/j/ccedes/a/JvYKWrXJ7hqQxn8mtdM4djK/?lang=pt). Acesso em: 25 de abr. de 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/CC0101-32622016162940>
- GOULART, C. Letramento e modos de ser letrado: discutindo a base teórico-metodológica de um estudo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, p. 450-460, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/d6r9zVjwGdrgwH5F4Wws47z/?lang=pt>. Acesso em: 25 de abr. de 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782006000300006>.



GOULART, D. M. **Saúde mental, desenvolvimento e subjetividade: da patologização à ética do sujeito**. São Paulo: Cortez, 2019.

IMIANOWSKY, A. G; VITÓRIA, C. A. Psicologia e Afetividade em Espinosa: uma revisão crítica sobre o uso da teoria dos afetos. **Revista de Ciências Humanas**, v. 54, p. 1-15, Rio Grande do Norte, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/67929>. Acesso em: 2 de mai. de 2023. DOI: <https://doi.org/10.5007/2178-4582.2020.e67929>.

INDICADOR NACIONAL DE ANALFABETISMO FUNCIONAL. **Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional**. INAF, 2022. Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br/>. Acesso em: 22 de Outubro de 2022.

INSTITUTO AYRTON SENNA. **Estudo especial sobre alfabetismo e competências socioemocionais na população adulta brasileira**. São Paulo, dezembro de 2016. Disponível em: [institutoayrtonsenna.org.br/app/uploads/2022/12/INAF-Relatorio.pdf](http://institutoayrtonsenna.org.br/app/uploads/2022/12/INAF-Relatorio.pdf). Acesso em: 19 de out de 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

LURIA, A. R. **Developmental: It's Cultural and Social Foundations**. Cambridge: Harvard University Press, 1977. p. 95-100.

MASINI, D. V. C; GOULART, D. M. Ensino, cuidado e subjetividade no campo da medicina: um estudo de caso. **Psicologia em Estudo**, v. 28, p. e52917, Maringá, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/TNHvqSFrJgfdvKvfx3pJpSP/#>. Acesso em: 25 de abr. de 2023. DOI: <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v28i0.52917>.

MASSI, G. *et al.* Práticas de letramento no processo de envelhecimento. **Revista brasileira de geriatria e Gerontologia**, v. 13, p. 59-71, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgg/a/JRLvLPkrKPFvkjQYxmFcFSy/?lang=pt>. Acesso em: 25 de abr. de 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1809-98232010000100007>.

MATOS, C. A; ROSSATO, M. M. A dimensão subjetiva da profissão de psicólogo escolar: Desafios aos processos formativos. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 24, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/mLxgctNn39njHxpjMvKVjyg/?lang=pt>. Acesso em: 28 de abr. de 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-35392020220140>.

MORTATTI, M. R. L. Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, p. 329-341, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/gg3SdLpVLM8bJ7bJ84cD8zh/?lang=pt>. Acesso em: 25 de abr. de 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782010000200009>.

OLIVEIRA, A. M. C. **Desenvolvimento subjetivo e educação: avançando na compreensão da criança que se desenvolve em sala de aula**. 2017. 134 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/24392>. Acesso em: 04 de mar. 2023.

OLIVEIRA, N. F. B; SILVA, D. A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO. **Faculdade Sant'Ana Em Revista**, v. 3, n. 2, p. 190-203, Ponta Grossa, 2019. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/567>. Acesso em: 25 de abr. de 2023.

PAN, M. A. G. S; LITENSKI, A. C. L. Letramentos e identidade profissional: reflexões sobre leitura, escrita e subjetividade na universidade. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 22, n. 3, p. 527–534, Curitiba, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/6qdLmpxknS9dhkR9PyBhJrh/?lang=pt>. Acesso em: 25 de abr. de 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-35392018032403>

RODOVALHO, J. X; PERES, V. L. A. Subjetividade e educação em espaços virtuais: A aprendizagem e o desenvolvimento em tempos de pandemia. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 0021-0036, Goiânia, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/16617>. Acesso em: 25 de abr. de 2023. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v17i1.16617>.

ROMERO, S. S; SCORTEGAGNA, H. M; DORING, M. Nível de letramento funcional em saúde e comportamento em saúde de idosos. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 27, Passo Fundo, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/xHGstWqFTs8R48dPPM63YrS/?lang=pt>. Acesso em: 25 de abr. de 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-07072018005230017>

ROSSATO, M; MARTÍNEZ, A. M. Desenvolvimento da subjetividade: análise de histórias de superação das dificuldades de aprendizagem. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 17, p. 289-298, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/jrCGPf3rGx5swWqmYf8hsdt/?lang=pt>. Acesso em: 25 de abr. de 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572013000200011>.

SAWAIA, Bader. **As Artimanhas da Exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 12. ed. Petropolis: Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2012.

SENNA, Luiz Antônio Gomes. **Letramento: princípios e processos**. Curitiba: InterSaberes, 2007.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOUZA, V. L. T.; ANDRADA, P. C. Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo. **Estudos de Psicologia**, v. 30, p. 355-365, Campinas, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/F937bxTgC9GgpBJ8QhCKs6F/?lang=pt>. Acesso em: 28 de abr. de 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2013000300005>.

TELES, A. M. O; CERQUEIRA, T. C. S. A pedagogia do si mesmo: debate sobre a emergência do sujeito que aprende. **Educação & Realidade**, v. 38, p. 931-951, Brasília, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/NMQCG4c5CmSLQJXzGhew3SC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 de mar. de 2023.

TERZI, S. B; SCAVASSA, J. S. Mudanças na concepção de escrita de jovens e adultos em processo de letramento. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, p. 185-211,

Campinas, 2005. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbla/a/J4WS57cSsNP6xvPJ9LkMBZz/?lang=pt>. Acesso em: 28 de abr. de 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982005000100010>.

TOSTA, C. G. Vigotski e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

**Perspectivas em Psicologia**, v. 16, n. 1, Uberaba, 2012. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasepsicologia/article/view/27548>. Acesso em: 15 de fev. de 2023.